

NA CONTRAMÃO DAS POLÍTICAS IMIGRATÓRIAS: PRESENÇA ITALIANA E SUAS CARACTERÍSTICAS NO NORDESTE DO BRASIL ENTRE AS DÉCADAS DE 1880 – 1930

Vanessa Pereira de Albuquerque¹
Ana Lúcia do Nascimento Oliveira²

A imigração italiana para o Nordeste do Brasil não obteve as mesmas proporções do que no Sudeste e Sul do país, já que o movimento de entrada desses indivíduos no Brasil transcorreu de maneira, quase sempre, organizada por políticas de interesse nacional vinculadas a fundamentações ideológicas e à manutenção da economia brasileira, baseada na produção do café.

É argumentado, pela historiografia da presença italiana no Brasil, que as categorias imigrantes italianas que chegaram ao Nordeste não foram as mesmas que deslocaram-se da Itália para o Sudeste e o Sul do país. Enquanto a parte meridional brasileira recebeu, em sua maioria, famílias agricultoras do Norte italiano, no Nordeste as características dos grupos eram mais diversificadas, escapando ao controle estatal e, por vezes, encontrando dificuldades em receber a assistência proposta pelo sistema de políticas migratórias brasileiro.

A partir da análise de documentação encontrada no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE³, particularmente no registro de “Petições: Imigração e Colonização”, é possível verificar parte da trajetória de Simone Croff (imigrante italiano) em terras pernambucanas, bem como, observar traços característicos da política de imigração fomentada pelo Governo Imperial e perceber suas particularidades em relação ao Nordeste.

Simone Croff segue a contrapelo de uma estrutura normatizada, ele é aqui tratado como um microcosmo⁴ de uma categoria imigrante, colaborando no sentido de compreender a configuração da tônica adotada pelas políticas migratórias durante o Segundo Reinado.

Em janeiro de 1883, Simone Croff, cidadão italiano, requer ao Ministério de Agricultura uma porção de terreno na província de Pernambuco para proceder ao cultivo de *Cinchona calisaya*, planta medicinal peruana conhecida como quina-amarela e usada regularmente como tratamento contra a malária. O documento observado sugere que a vinda de Simone Croff para Pernambuco foi intencional e planejada. Croff se mostra resolutivo quanto ao êxito da cultura de quina-amarela na região pernambucana, informando que existia condições climáticas semelhantes ao Peru, grande produtor desta planta medicinal. O italiano confirma ainda que tem a intenção de trazer outros colonos para trabalhar consigo, dessa forma, necessitando que o Governo Imperial demarcasse suas terras, assim como fez com os colonos que optaram por firmar-se no Sul e Sudeste do país.

A 5 de novembro de 1883 o Governo ainda não havia tomado uma decisão quanto ao pedido de Croff. Levando em consideração a morosidade dos procedimentos

¹ Mestranda pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bolsista CAPES.

² Professora Doutora vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco – Orientadora.

³ Anexo, localizado na Rua Imperial, 1069, São José. Fundo: Secretaria da Justiça. PETIÇÕES. Imigração e Colonização. Fls 65 a 70.

⁴ Carlo Ginzburg recorre a este termo para explicar a importância de personagens como a de Menocchio na concepção da história do Antigo Regime na Itália. GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda., 1987.

burocráticos do período imperial ainda é questionável essa lentidão no processo de Simone Croff. Desse modo, ele acusa e reivindica:

Considero o Governo de Vossa Magestade Imperial ao supplicante como um meio colono igual aos 1250 que vierão no mesmo vapor “Berlim” com o supplicante e que já forão distribuídos e internados pelas colonias do Imperio, de acordo com os pedidos e declarações que os mesmos fizerão tendo corrido as despesas de sustento, transporte desde o dia que elles aqui chegarão por conta do Governo Imperial, defferindo somente o supplicante dos demais seus collegas colonos; em não ter o Governo Imperial gasto com esses até hoje em sutil, e não ter aceito terras nas colonias das Províncias do Sul por se dedicar a coltura que só terá bom êxito nas do Norte, especialmente na de Pernambuco. (“Petições: Imigração e Colonização”. Página 1110978).

O fragmento supracitado deixa clara a insatisfação de Croff quanto às suas reivindicações e às benfeitorias que lhe foram prometidas. Simone Croff critica o governo Imperial afirmando, dentro de sua ciência sobre os fatos, que os mesmos colonos com ele chegados, pelo fato de se instalarem no Sul do país, já gozavam dos benefícios referentes às políticas de imigração imperiais, tais como: custos com deslocamento e consignação de terras para colonização.

Em face dessa ocorrência é possível afirmar que apesar do direcionamento das políticas públicas à atração de colonos às regiões meridionais do Brasil, houve episódios de imigrações intencionais de italianos ao Nordeste, muito embora não houvesse encorajamento do Governo por tais experiências. O caso de Simone Croff, ainda que atípico, não configura evento isolado no quadro da presença italiana nas áreas nordestinas.

Manuel Correia de Andrade (1992) enumera vários eventos significativos de imigração italiana no Nordeste brasileiro durante o período Imperial, tornando-se possível perceber uma forte incidência desses casos na Bahia, em “Conceição do Almeida, Jequié, Jaguaquara, Poções, Morro do Chapéu, etc.” (1992, p. 68). A maioria dessas ocorrências surgiam pela inclinação de determinados italianos ao comércio, o que fazia com que viajassem por várias cidades oferecendo suas mercadorias.

Esse contingente imigratório que chega ao Nordeste é caracterizado pelo trabalho autônomo:

O Nordeste do Brasil não exerceu uma grande atração sobre os colonos que vinham ocupar essas áreas predeterminadas, a não ser como exceção. Em regra geral, eles vinham solteiros ou em grupos familiares para tentar a vida nas cidades em atividades específicas, como o comércio, a prestação de serviços e a pequena produção – sapateiros, alfaiates, mecânicos, carpinteiros, fabricantes de objetos diversos –, onde abriam pequenas oficinas. (ANDRADE, 1992, p. 67).

Outro elemento muito comum ao Nordeste e destoante se comparado às características da imigração no Sul do país, é a propensão que esta região teve em receber categorias emigradas do *Mezzogiorno*⁵ italiano: “Nápoles, Salerno e Calábria”. (ANDRADE, 1992, p. 72). Em Pernambuco podemos identificar uma imigração de pessoas “quase sempre de origem humilde, oriundas do sul da Itália [...] em sua maioria da Província de Potenza e em menor escala de Salerno e de Nápoles.” (ANDRADE in BONI, 1990, p. 111-112).

Na Paraíba, José Octávio de Mello registra a chegada de italianos migrantes de cidades pernambucanas à procura de novas oportunidades empreendedoras, relatando a

⁵ A palavra é usada para designar as regiões meridionais italianas.

trajetória de duas personalidades conhecidas como pioneiras da presença italiana no Estado:

A tradição oral continua referindo Domenico Grisi (o velho), como ourives, e Vincenzo Ferraro, mestre de obras, como os pioneiros da presença italiana na Paraíba, o que se explica tanto pela natureza sistemática de influência cultural que, prolongada pelos descendentes, se desenvolveria até nossos dias, seja por fixação geográfica consorciada com o rastreamento histórico.

Nesses termos, Domenico e Vincenzo fizeram-se intérpretes de verdadeira saga que, nas proximidades da unificação peninsular de 1870, os arrastou à Península Ibérica onde, enquanto Domenico conseguia trabalho em oficina da rua do Ouro em Lisboa, Vincenzo era preso nas proximidades de Barcelona.

Em seguida à rocambolesca libertação deste, os dois compatriotas conseguiram encontrar-se, zarpando da capital portuguesa, em demanda do Recife, no outro lado do Atlântico, onde, deslocando-se a Palmares, no Vale do Uma, buscaram o convívio do parente Egídio Ponzi, proprietário da Caldeireira Italiana, especializada na fabricação de tachos de cobre e alambiques para os engenhos de açúcar. (MELLO in BONI, 1990, p. 125-126).

A narrativa de Mello fortalece os relatos de Andrade (1992) sobre a influência italiana na região açucareira nordestina no momento correspondente ao Segundo Reinado brasileiro. Durante esse período era comum associar os estrangeiros italianos aos trabalhos de restauração e/ou fabricação de tachos, muito utilizados nas zonas canavieiras, sobretudo em Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

A importância deste trabalho, realizado principalmente por italianos, cresceu ao longo dos anos, ajudando a modernizar os Engenhos de açúcar do Nordeste, e obteve maior absorção das forças econômicas quando da criação das primeiras Usinas, fazendo parte do processo agroindustrial fomentado no Brasil a partir da segunda metade do século XIX e consolidado no século XX⁶.

No espaço temporal compreendido entre 1889 a 1930, denominado de Primeira República brasileira, observa-se o crescimento da entrada de italianos no Brasil. É durante esse período que o Nordeste passa a receber números mais expressivos de imigrantes italianos, embora não possam ser comparados às entradas no eixo Sul-Sudeste é possível visualizar a influência dos mesmos em setores importantes da economia em grandes cidades nordestinas, como é o caso de Recife e Salvador, e seus interiores próximos.

As políticas de colonização da República visavam atrair imigrantes para o Sul do Brasil. Para o Nordeste, essas políticas não chegaram a ser concretizadas:

Embora tenham sido organizadas companhias colonizadoras, a migração foi feita de forma individual, por pessoas que procuravam uma nova terra onde pudessem trabalhar e enriquecer, contando com o apoio da própria família ou de amigos.

A migração individual era feita, em geral, por jovens do sexo masculino, com idade inferior a 30 anos, que vinham para Salvador ou para o Recife à procura de trabalho no comércio. Muitas vezes eles desembarcavam no Rio de Janeiro e só após algum tempo é que se transferiam para o Nordeste. Mas Recife e Salvador nem sempre eram os pontos terminais destas migrações. Chegados a estas cidades portuárias, eles se dirigiam para cidades próximas,

⁶ Sobre o processo de industrialização da zona cafeeira nordestina consultar MINTZ, Sidney W. **O PODER AMARGO DO AÇÚCAR: Produtores escravizados, consumidores proletarizados**. Editora Universitária: UFPE, Recife, 2003. Também é útil ROSA, Marcelo. **Oligarquias agrárias, o Estado e o espírito do neoliberalismo no Brasil**. En publicacion: Cultura y Neoliberalismo. Grimson, Alejandro. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Julho, 2007.

capitais de estado ou centros interioranos que ofereciam possibilidade de trabalho, dentro de suas qualificações profissionais.

Uma vez no Nordeste, se o migrante tinha sucesso e se estabelecia, quando necessitava de empregados ou de auxiliares, procurava recrutá-los no seu país, na sua aldeia, principalmente entre parentes ou amigos de infância. (ANDRADE, 1992, p. 97).

Foi através desta facilitação à entrada no Brasil, conhecidas como “cartas de chamada”, descritas no fragmento supracitado, que a imigração de italianos para o Nordeste tomou maior fôlego, adquirindo características divergentes da imigração concentrada no Sul e Sudeste.

O período Republicano também é marcado pela chegada de populações ao Nordeste oriundas do Sul da península itálica, “em grande parte de Trecchina, província de Potenza, ou de Tortora, província de Cosenza, havendo também sicilianos e napolitanos”. (ANDRADE in BONI, 1996, p. 58).

Esses grupos transitaram por muitas esferas da economia nordestina e, segundo a argumentação da historiografia sobre o tema⁷, obtiveram maior êxito nas atividades de cunho comercial e/ou industrial. Se destacaram nos setores de metalurgia, alfaiataria, sapataria, produtos alimentícios, artefatos decorativos de luxo e tinturaria.

Nesse ínterim, Recife pôde se sobressair, pois a partir de 1921 começou a funcionar na cidade a Câmara Italiana de Comércio para o Norte do Brasil, com a função de representar e divulgar as atividades comerciais desenvolvidas também em outras capitais: Manaus, Belém, São Luís, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju e Salvador. Para melhor demonstrar a importância dela é necessário enumerar os seus objetivos:

- 1) apoiar e muitas vezes promover ações de iniciativa patriótica e beneficente, no seio da coletividade;
- 2) defender sempre junto às autoridades superiores e em publicação em seu próprio boletim, a necessidade de se instruir uma linha de navegação italiana para o Norte do Brasil, a fim de intensificar o comércio;
- 3) participar da Exposição Geográfica de Milão, por intermédio da Embaixada italiana.
- 4) atuar junto ao governo estadual para dar paridade de tratamento ao vinho italiano, idêntica a que era dada ao português, obtendo-se uma redução de 25% de impostos;
- 5) contribuir para a instituição Escola Italiana para os filhos dos compatriotas, fornecendo o material necessário;
- 6) subsidiar o curso gratuito de italiano instituído na Faculdade de Direito do Recife, no qual o Secretário da Câmara era professor;
- 7) divulgar neste curso não só a língua italiana como a cultura italiana, a fim de que os estudantes, nem sempre de origem italiana, pudessem melhor compreender e amar a Itália, desenvolvendo assim o intercâmbio cultural;
- 8) divulgar informações comerciais;
- 9) promover o censo dos industriais e comerciantes italianos no Norte do Brasil;
- 10) concorrer com pavilhão próprio, na Exposição Regional do Recife (1928-1928), mantendo um stand das indústrias e do comércio italiano, a fim de demonstrar a importância da ação dos italianos no progresso da região;

⁷ Sobre as atividades econômicas realizadas por italianos no Nordeste ver ANDRADE, Manuel Correia de. **A Itália no Nordeste: contribuição italiana ao Nordeste do Brasil**. Torino – Recife. Fondazione Giovanni Agnelli, FUNDAJ, Editora Massangana, 1992. Ainda BONI, Luis A. de. **A Presença Italiana no Brasil**. v. II; Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. Também referente ao tema *TRENTO, Angelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Ed. Nobel, Instituto Italiano de Cultura, 1989.

- 11) publicar um boletim, rico em notícias e estatísticas sobre as possibilidades econômicas da região;
- 12) manter relação as mais cordiais com as autoridades locais. (Op. cit. p. 59).

Os objetivos da Câmara deixam transparecer uma nova ideologia política fomentada na Itália durante as décadas de 1910-20: a ideologia fascista⁸. O interesse e preocupação em unir os italianos pelo mundo, dedicando atenção aos elementos nacionais próprios da Itália (língua, cultura, produtos nacionais), são características da vanguarda fascista, que conseguiu, como nenhum outro sistema político-ideológico, construir uma identidade prioritariamente italiana, outrora sobrepujada pelas identidades regionais⁹.

Por isso é notável uma inquietação da Câmara Italiana não só com as demandas econômicas, mas principalmente com o projeto de divulgação da cultura italiana na região, promovendo cursos cujos interessados poderiam não ser, necessariamente, italianos ou seus descendentes. A importância da Câmara para o Nordeste se sustenta precisamente neste intercâmbio de mercadorias, pessoas e ideias. As ações ministradas através deste órgão contribuíram à aproximação entre Nordeste e Itália, consolidando redes de influências culturais.

Para além do segmento cultural, verifica-se o desenvolvimento de diversas empreitadas econômicas que obtiveram grande notoriedade na região nordestina, como as fábricas Fratelli Vita em Salvador e Recife, a Casa Veneza (especializada no setor de calçados) em Fortaleza, as lojas de alfaiataria de Matteo Zacara e Bras Cortisani na Paraíba, entre outros.

A trajetória de Francesco Vita e seus três irmãos no Brasil começa em 1880 com a chegada à Bahia, onde já havia instalada uma desventurada colônia italiana. No entanto, eles não permaneceram juntos por muito tempo, pois precisavam obter meios de sustento não facilmente encontrados em Salvador nesse período. Provenientes da Província de Potenza, *Mezzogiorno* italiano, Giuseppe e Francesco permaneceram unidos e desenvolveram diversas atividades na Bahia e em Pernambuco. No fim do século XIX formaram “uma empresa artesanal, de produção de gás acetileno, tratando eles próprios de procurar o mercado para sua produção”. (ANDRADE in BONI, 1990, p. 118). Dessa forma, passaram a viajar por várias cidades do interior promovendo iluminação a acetileno nas festas realizadas por pequenas cidades.

Decorrido esse episódio, os irmãos Vita criaram laços com as regiões rurais, souberam aproveitar o bom relacionamento com suas populações para dar início a novas iniciativas comerciais, sempre obtendo razoável sucesso.

A instalação da primeira fábrica dos Vita na Bahia tinha como objetivo a produção de licores, mas como esta mercadoria era demandada por grupos limitados eles resolveram associá-la à fabricação também de gasosas (refrigerantes). Foi a partir da abertura deste setor que seus produtos ganharam popularidade, o que gerou oportunidade para enriquecimento. Tendo alcançado bons resultados na Bahia, determinaram a instalação de uma filial no Recife.

⁸ A bibliografia sobre o tema é extensa, mas para compreender melhor o assunto indicamos BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, nazismo, integralismo**. São Paulo: Ática, 2000. Ainda do mesmo autor **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2001. E DI MICHELE, Stefano; GALIANI, Alessandro. **Mussolini e la Política Estera Fascista, 1918-1933**. Padova: Cedam, 1960.

⁹ João Bertonha, na obra intitulada **Os Italianos**, comenta sobre a busca do Fascismo pela unidade e uniformidade nacional, já que o contexto da época era configurado pela forte marca das identidades regionais.

De acordo com Andrade (1990), a fábrica que funcionava no Recife, na Rua da Soledade, só foi desativada quando o controle acionário da Fratelli Vita foi obtido pela empresa Brahma nos anos 1970. A marca Fratelli Vita ainda é lembrada com saudosismo pela geração de nordestinos que viveu no período em que ela esteve ativa.

Isto posto, evidenciamos que no Recife houve estreita relação entre ocupações artesanais e atividades industriais, onde torna-se verificável a frequente movimentação de uma área a outra, como no caso empreendedor dos irmãos Vita, que começaram como artesãos. “Em suma, a capital pernambucana confirma as características fundamentais da presença italiana em todo o Nordeste”. (CAPELLI, 2007, p. 170).

A imigração italiana para o Brasil ajudou a Itália a controlar a crise interna pela qual passava, contribuindo para a não sublevação da população e alimentando os sonhos de oportunidades e fortunas a serem buscadas na América, particularmente no Brasil.

Apesar da falta de incentivos para que italianos se radicassem no Nordeste, não podemos desconsiderar os grupos que procuraram se estabelecer nas suas grandes capitais ou em cidades interioranas onde havia possibilidade de trabalho. Não é possível argumentar em função numérica a influência desses migrantes estrangeiros nas localidades nordestinas, entretanto, seria imprudente não reconhecer as significativas experiências que auxiliaram na construção de um legado italiano dentro do Nordeste.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **A Itália no Nordeste: contribuição italiana no Nordeste do Brasil**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1992.

_____. **A Colônia Italiana em Pernambuco nas Décadas de vinte e trinta**. In *A Presença Italiana no Brasil*. v. III; Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

_____. **Italianos em Pernambuco**. *A Presença Italiana no Brasil*. v. II; Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

BONI, Luis A. de. **A Presença Italiana no Brasil**. v. III; Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

_____. **A Presença Italiana no Brasil**. v. II; Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CAPELLI, Vittorio. **Urbanização: correntes imigratórias da A propósito de imigração e meridional às “outras Américas”**. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 1, p. 7-37, junho 2007.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda., 1987.

MELLO, José Octávio de Arruda. **Historiografia e a história dos italianos na Paraíba: uma revisão crítica**. In BONI, Luis A. de. *A Presença Italiana no Brasil*. v.

III; Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Ed. Nobel, Instituto Italiano de Cultura, 1989.

Secretaria da Justiça. PETIÇÕES. Imigração e Colonização. Fls 65 a 70. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, unidade da Rua Imperial 1069, São José.